

# GAMIFICAÇÃO E A MOTIVAÇÃO: UM RECURSO PEDAGÓGICO COM FOCO EM ESTUDANTES COM TDAH

MOURA, J. D.<sup>1</sup>  
OLIVEIRA, D. P. de<sup>2</sup>  
MONTEIRO, E. L.<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema o uso da gamificação como um auxílio para pessoas que foram diagnosticadas com TDAH. A pesquisa tem por objetivo entender os conceitos, características, diagnósticos e como a gamificação pode trazer uma motivação maior para estudantes com TDAH. Essa pesquisa possui quatro seções, a primeira sendo a definição do TDAH e como ele surgiu. O TDAH é uma síndrome heterogênea, dessa maneira, ela acontece por inúmeros fatores, mas depende de fatores genéticos- familiares. A segunda seção contém algumas características descritivas sobre o TDAH. A principal característica é a dificuldade de concentração. A terceira seção descreve a forma como o diagnóstico deve ser efetuado e posteriormente, uma ponderação de que o diagnóstico não pode ser dado por qualquer pessoa com uma ficha de avaliação e sim por profissionais autorizados. Por fim aborda a gamificação com recurso para promover a motivação do aluno com TDAH.

**Palavras-chaves:** TDAH. Gamificação. Motivação

## ABSTRACT

The present work has as a theme the gamification used as a helper to people diagnosed with ADHD.

The objective of this research is to understand the concepts, features, diagnoses, and how gamification can motivate students with ADHD. This research has four sections, the first one is about the definition of ADHD and how it emerged. It is a heterogeneous syndrome, thereby it happens through several factors, especially genetic factors. The second section contains some descriptive features about ADHD. The main feature is the difficulty concentrating. The third section describes the way how the diagnosis must be accomplished and posteriorly, a consideration that the diagnosis can not be given through any person with an evaluation sheet, but it requires authorized professionals. Finally, this research approach is gamification as a resource to motivate the ADHD student.

**Keywords: Keywords:** ADHD. Gamification. Motivation.

---

<sup>1</sup> Julia Dias Moura. Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2022. Contato: juliadias27032000@gmail.com

<sup>2</sup> Débora Patitucci de Oliveira. Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2022. Contato: deborapatituccideoliveira@gmail.com

<sup>3</sup> Eduardo Lemes Monteiro. Docente do Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2022. Contato: eduardo.monteiro@fap.com.br

## INTRODUÇÃO

A escolha por esse tema justifica-se pelas experiências vividas ao longo da vida pessoal das acadêmicas e também nas vivências cotidianas de sala de aula quando ambas fizeram seus estágios na graduação em pedagogia. E deu-se também, pelo interesse por essa problemática, pois investigar o Transtorno de *déficit* de atenção/hiperatividade (TDAH) e como a gamificação pode ser um recurso pedagógico, sempre lhes chamaram a atenção.

O surgimento desse transtorno começou em 1902 quando George Still um pediatra inglês observou determinados casos clínicos de crianças que possuíam grande inquietação, dificuldade de aprendizagem e *déficit* de atenção, após essa descoberta vários estudos vieram a partir deste. Sendo assim, Oliveira (2017) discorre que esse transtorno é um dos mais bem estudados na medicina, então não podemos negar a sua existência ou dar um diagnóstico errado, pois existem inúmeras pesquisas que sempre avançam com o tempo sobre a forma de diagnosticar um indivíduo com TDAH.

O diagnóstico tem que ser feito de uma forma muito cuidadosa, sendo assim, Machado e Cezar (2007) discorrem que ele acontece por múltiplas maneiras, para tal não pode ser exercido por um único indivíduo da família ou da escola, ele deve ser tratado com profissionais autorizados, passando por diversas avaliações, para tal fim ser diagnosticado com este transtorno.

Em decorrência esses autores também descrevem que a criança que teve seu diagnóstico de TDAH, possui três elementos fundamentais: a desatenção, a agitação e a impulsividade. Sendo assim, muitas crianças têm facilidade em perder alguns objetos, não conseguir se organizar em seus estudos, acabar respondendo alguns questionamentos dos docentes antes de serem formulados, entre outros.

De acordo com Rocha e Tulio (2014) a gamificação possui traços de um jogo, entretanto não é um jogo em particular como muitos educadores pensam, ela é um elemento que o docente pode utilizar em suas aulas como um auxílio motivacional para os seus alunos e isso é de suma importância para estudantes com TDAH pois eles normalmente possuem baixa autoestima, assim, a forma como é aplicado um conteúdo gamificado ajuda o aluno a ter mais disposição em fazer o que lhe é pedido e participar da aula.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa a qual tem como objetivo entender conceitos, características e diagnóstico, e como a gamificação pode trazer uma motivação maior aos alunos. Este estudo tem uma abordagem qualitativa, na qual a pesquisa para o embasamento teórico conta com dados bibliográficos.

De acordo com Martins (2004) a pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de micro processos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, é caracterizado pelo heterodoxo no momento da análise pois, é uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa; nela, toda questão técnica implica uma discussão teórica.

Segundo Souza (2010 *apud* VENEZA, 2015), para dar conta das peculiaridades de cada contexto e das subjetividades diversas, o pesquisador necessita arriscar-se no campo da pesquisa qualitativa e também recriar instrumentos de aproximação. Sendo assim,

[...] assume para si possibilidades antes pouco ou nada consideradas e produz um conjunto de explicações que poderão, na dimensão da construção do conhecimento, constituir respostas a algumas das questões que atualmente se fazem presentes diante da complexidade e da perplexidade das relações sociais (SOUZA, 2010 *apud* VENEZA, 2015, p. 60).

De acordo com Gil (2002) a análise qualitativa é menos evidente do que análise quantitativa, pois seus passos conseguem ser definidos de maneira mais simples. Sendo assim, a análise qualitativa depende de alguns motivos, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que orientaram a investigação. “Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório” (GIL, 2002, p. 133).

Para Marconi e Lakatos (2010) a Pesquisa Exploratória Bibliográfica é desenvolvida quando se utiliza de materiais já publicados em livros, artigos, dissertações e teses essas pesquisas se realizam independente ou se constitui

parcialmente de uma pesquisa descritiva. Assim, em relação aos objetivos, este trabalho também foi elaborado conforme os parâmetros da pesquisa bibliográfica.

Para Fonseca (2002 *apud* SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021) qualquer trabalho científico começa com uma pesquisa bibliográfica, entretanto existem aquelas que se baseia apenas nesta pesquisa. Posto isso, para se ter a pesquisa bibliográfica ela necessita que o pesquisador leia, que reflita e escreva sobre o conteúdo que está estudando.

A pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico. (SOUSA, OLIVEIRA e ALVES, 2021, p. 66)

Sendo assim, é preciso realizar um levantamento bibliográfico em várias fontes, para então encontrar obras confiáveis e atualizadas. É necessário também que o pesquisador utilize materiais que já foram publicados para obter um estudo acerca do que já conhece, mas com um aprimoramento científico.

## **O TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE**

O Transtorno de *déficit* de atenção/hiperatividade (TDAH) de acordo com Teixeira (2006) acontece geralmente na maior parte da infância e adolescência. Após vários estudos, em locais diferentes, foi abordado que o TDAH está presente em 5% da população em idade escolar. Refere-se a uma síndrome clínica caracterizada por fatores genéticos e biológicos, pois ninguém adquire com o tempo e sim nasce com ele, posto isso, os indivíduos com TDAH apresentam alguns sintomas antes de seus sete anos de idade.

A sua origem é multifatorial, ou seja, ela é causada por vários fatores, mas o principal é a herança genética. Conforme Rohde, Roman e Aronivich, (2003, p. 333) “O TDAH é uma síndrome heterogênea, a vista disso, a etiologia é multifatorial, dependendo de fatores genéticos-familiares, adversidades biológicas e psicossociais”.

Alguns estudos relacionam a herança genética ligada a genes do receptor e transportador de dopamina, substância a comunicação entre os neurônios. Filhos de pais hiperativos possuem maior chance de

terem o transtorno, assim como irmãos de crianças hiperativas possuem até duas vezes mais chances de apresentarem o diagnóstico quando comparadas com irmãos sem o transtorno (TEIXERA, 2006, p. 34).

Há duas divisões sobre o conhecimento do TDAH em concordância com Oliveira (2017), a primeira é que pouco se comenta para boa parte da população, sendo assim, muitos pais/responsáveis e professores não tem um conhecimento das características de uma criança que tem o TDAH. A segunda divisão é que existem muitos profissionais que falam sobre o TDAH, e por esse fator se tornou um modismo entre muitos diagnósticos do nosso século. Porém quando estudamos mais a fundo, vemos que “o TDAH é um dos transtornos mais bem estudados na medicina e os dados gerais sobre sua validade são muito mais convincentes que a maioria dos transtornos mentais e até mesmo que muitas condições médicas” (ARGOLLO, 2003 *apud* OLIVEIRA, 2017, p. 24).

Para Fernandes (2014, p. 12) houve um marco histórico nos estudos médicos sobre o TDAH que ocorreu no ano de 1902, quando o pediatra inglês George Still começou a descrever “crianças que apresentavam comportamento hiperativo e incapacidade de manterem-se concentradas”. Assim, Still observou que as crianças tinham em comum, grande inquietação, *déficit* de atenção e dificuldades de aprendizagem. Ele mostrou casos clínicos de crianças com hiperatividade e outras alterações de comportamento, que na sua opinião se caracterizava pelas irregularidades do aprendizado, da função psíquica, do comportamento e da motricidade.

Fernandes (2014) relata que a partir dessa publicação vários autores começaram a estudar casos de crianças e adolescentes ditos na época como “instáveis”, pesquisando aspectos não só cognitivos, mas motores, afetivos e comportamentais. Para Machado e Cezar (2007) o Transtorno de *Déficit* de Atenção e Hiperatividade conhecido também como TDAH é um dos distúrbios mais comuns que ocorrem em crianças.

Segundo a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10, 2011), o TDAH está no grupo de transtornos caracterizados, por início precoce, durante os cinco primeiros anos de vida, apresentando falta de perseverança nas atividades, que exigem envolvimento cognitivo, e tendência a passar de uma atividade a outra sem acabar nem uma, associadas a uma atividade global desorganizada, descoordenada e excessiva. Em

contrapartida, o Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM-5) apresenta mudanças referentes à faixa etária de surgimento do TDAH. Segundo este manual, o surgimento se dá entre 07 e 12 anos de idade. O DSM-5 aponta também a possibilidade de classificar o TDAH em Leve, Moderado e Grave (ROCHA; CONFORTIN, 2015, p. 75).

Em concordância, Silva *et al.* (2021) descrevem que podemos verificar logo na primeira infância traços de uma criança com o TDAH. Ele atinge de 3% a 5% da população e é mais percebido em meninos, em razão da hiperatividade e impulsividade destes. Normalmente, as meninas são mais desatentas e isso dificulta o reconhecimento, diferente de uma criança que é hiperativa. Outro fato é que muitas crianças são quietas e caladas e isso pode prejudicar já que não são tratadas precocemente. Muitos pais e educadores confundem o TDAH com a indisciplina e assim não conseguem dar um diagnóstico correto.

Segundo Oliveira (2017) um exemplo claro é que o TDAH ocorre por uma combinação de genes que fazem com que o indivíduo apresente critérios e sintomas correspondentes, diferente de como ocorre com a Síndrome de Down, que é caracterizada por uma mutação no gene 21. Com isso, concluímos que o TDAH é um transtorno relacionado com o sistema nervoso central. Ele se inicia na infância e pode prolongar durante a vida adulta. As crianças e adolescentes que foram diagnosticadas com o TDAH possuem alterações comportamentais que é fora do padrão que a sociedade impõe como “normal”, isso prejudica a aprendizagem pois de uma forma resumida a criança é basicamente caracterizada por falta de atenção, inquietação e impulsividade.

Posto isto, Rotta, Ohweiller e Riesgo (2016) *apud* Oliveira (2017) apresentam que no mundo, o predomínio se estabelece em aproximadamente 5% nas crianças com idade escolar, diminuindo na fase adulta, com quadros de hiperatividade mais claros em meninos e quadros de desatenção mais comuns em meninas.

## **AS CARACTERÍSTICAS DO TDAH**

De acordo com Machado e Cezar (2007) as crianças com TDAH apresentam algumas características específicas e uma delas é a dificuldade de concentração, os indivíduos acabam se distraindo muito rápido durante alguma atividade proposta, principalmente quando são mais longas. Porém de acordo com Figueiredo (2015) as pessoas que tem TDAH tem uma tendência em focalizar de forma intensa em

assuntos do seu interesse, isso se chama de hiperfoco, ou seja, quando o indivíduo fica muito focado em algo e em consequência acaba se desligando de tudo que está acontecendo a sua volta.

Assim como a distração, o hiperfoco é visto como resultado de níveis baixos de dopamina – um neurotransmissor bastante ativo nos lobos frontais do cérebro. E é justamente essa ausência de dopamina que dificulta a troca de comandos para enfrentar atividades chatas, mas precisas. (FIGUEIREDO, 2015, p.6 *apud* MENEGUCCI, 2011)

Conforme evidenciam Silva *et al.* (2021) a falta de constância em terminar algumas tarefas mais complicadas ou difíceis é uma característica comum entre as pessoas com TDAH, por isso não conseguem persistir na realização de atividades, mesmo sendo muito importantes, sempre trocam essas atividades por outra coisa, com isso os alunos não demonstram o mesmo interesse que os outros alunos. Os indivíduos que possuem esse transtorno normalmente não são organizados em seus estudos e outros afazeres, assim acabam tendo um baixo rendimento escolar, além de terem dificuldade de reter algum conteúdo dado em sala de aula.

De acordo com Amorim (2010 *apud* ROCHA; CONFORTIN, 2015) alguns sintomas mais comuns apresentados por pessoas com TDAH são:

**Quadro 1- Sintomas do TDAH**

<b>Tipo Desatento</b>	<b>Tipo Hiperativo Impulsivo</b>	<b>Tipo Combinado</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não enxerga detalhes ou comete erros por falta de cuidado;</li> <li>- Tem dificuldade em manter a atenção;</li> <li>- Parece não ouvir;</li> <li>- Sente dificuldade em seguir instruções;</li> <li>- Tem dificuldade na organização, não gosta de tarefas que exigem um esforço mental prolongado;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inquietação mexendo as mãos e os pés ou se remexendo na cadeira;</li> <li>- Dificuldade em permanecer sentado;</li> <li>- Corre sem sentido ou sobe nas coisas excessivamente;</li> <li>- Sente dificuldade de se engajar em uma atividade silenciosa;</li> <li>- Fala sem parar;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Este tipo é caracterizado pelos dois tipos juntos, o desatento e o impulsivo;</li> <li>- Só são diagnosticados quando têm mais de seis sintomas;</li> <li>- São muito inquietos;</li> <li>- Agitados e não aprendem com seus próprios erros;</li> <li>- Essas crianças têm muita dificuldade de aguardar a vez, esperar;</li> </ul>

- Frequentemente perde os objetos necessários para uma atividade; - Distrai-se com facilidade e tem esquecimento nas atividades diárias.	- Responde às perguntas antes mesmo de serem terminadas; - Age a “200” por hora; - Não consegue esperar sua vez e interrompe constantemente.	- Elas também criam problemas de relacionamento social na escola e em casa; - Boa parte delas evolui para o quadro opositor desafiador.
---	--	--

Fonte: Autoras do Trabalho (2022)

De acordo com Goldstein (2006 *apud* CORTÉS, 2010) existem várias dificuldades quando detectamos o TDAH, essas dificuldades são:

### Quadro 2- Dificuldades do TDAH

<b>Dificuldades básicas:</b>	- Desatenção; - A pessoa não é constante no que faz; - Não consegue ficar muito tempo em uma tarefa; - Não organiza bem as atividades; - Falta de motivação; - São desorganizadas/ desordenada e eles não estabelecem uma ordem de prioridades.
<b>Dificuldades físicas:</b>	- Falta de coordenação motora; - Dificuldade verbal; - Não consegue organizar algumas ideias e erros gramaticais contínuos.
<b>Dificuldades cognitivas:</b>	- Dificuldade de memória; - Dificuldade de aprendizagem; - Falta de reflexão antes de uma ação; - Falta de verbalizações internas que o lembrem de como fazer uma tarefa; - Falta de regulação de seu comportamento; - Dificuldade em realizar uma atividade específica dada;



	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Eles não analisam as respostas possíveis a uma determinada dificuldade.</li> </ul>
<b>Dificuldade emocionais:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ele tem um ótimo senso do ridículo;</li> <li>- Ele tem um comportamento infantil e falta de maturidade;</li> <li>- Eles ficam facilmente chateados, mudados e frustrados;</li> <li>- Possuem baixa inteligência emocional.</li> </ul>
<b>Dificuldade sociais:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Eles não atendem aos padrões estabelecidos;</li> <li>- Podem ser percebidos como uma criança desconfortável;</li> <li>- Impotência ou rejeição que as vezes os levam à agressividade;</li> <li>- Autoconceito negativo de vida as punições.</li> </ul>

Fonte: Autoras do Trabalho (2022)

Á vista disso, Cortés (2010) usa palavras muito duras para definir pessoas com o TDAH, entretanto, mesmo com dificuldades de concentração e organização são capazes de amadurecerem e desenvolverem estratégias para os seus estudos e vida cotidiana. Ele descreve frases desmotivadoras, que faz com os docentes observem somente as dificuldades desses indivíduos e não como os professores podem auxiliar e ajudar os seus alunos.

Já Teixeira (2006) traz dicas de como os professores podem agir em sua sala de aula e como o aluno portador dessa síndrome pode exercer um melhor desempenho.

### **Quadro 3- Dicas para professores e alunos**

<b>Algumas dicas primordiais para os professores são:</b>	<b>Já as dicas para os alunos são:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sentar os alunos próximos ao professor;</li> <li>- Dar ordens objetivas e breves;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perguntar ao professor sempre que estiver com dúvidas;</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Proporcionar liberdade de tempo para os alunos responderem com atenção as perguntas abordadas;</li> <li>- Enaltecer atitudes assertivas do aluno;</li> <li>- Convidar o aluno a auxiliá-lo, para reduzir alguma inquietação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dividir trabalhos maiores em algumas partes;</li> <li>- Manter uma rotina diária de estudo;</li> <li>- Ler sobre o TDAH para conhecer e entender melhor esse transtorno.</li> </ul>
--	--

Fonte: Autoras do Trabalho (2022)

Posto isso, concluímos que Cortés (2010) e Teixeira (2006) trazem propostas de ensino diferentes. Um foca nas dificuldades e usa palavras muito duras e o outro traz algumas dicas para o professor e aluno. Assim, entendemos que o TDAH não impede os indivíduos a crescerem e evoluírem com o tempo, eles irão desenvolver estratégias de estudos para que possam seguir no mesmo caminho que seus outros colegas.

## **DA AVALIAÇÃO AO DIAGNÓSTICO**

A avaliação psicológica e o diagnóstico do TDAH são um procedimento minucioso e complicado, Graeff e Vaz (2008) discorrem que esse processo requiere do profissional uma vivência clínica, um conhecimento teórico mais profundo e grande reflexão sobre esse transtorno. À vista disso, esse processo pode ter algumas dificuldades e uma delas é a ausência de testes físicos, neurológicos ou psicológicos que realmente possam provar a presença do TDAH numa criança ou num adolescente.

De acordo com Oliveira (2017) o diagnóstico do TDAH é de maneira fundamental clínico, baseado em critérios operacionais clínicos claros e bem definido. Não há exames laboratoriais ou imagens que comprovem o TDAH. Logo, precisa-se investigar o histórico familiar e o desenvolvimento progresso do indivíduo é de extrema importância.

De acordo com Stroh (2010) para fazermos um diagnóstico correto devemos seguir alguns passos específicos, como:

- Entrevista com os pais, que irá haver um levantamento de queixas e sintomas sobre o comportamento da criança em casa e em atividades sociais;

- Entrevistas com professores, assim ocorrerá relatos sobre o comportamento da criança na escola, levantamento das queixas, sintomas, desempenho escolar, relacionamento com adultos e crianças;

- Questionários e escalas de sintomas para serem preenchidos por pais e professores;

- Avaliação/observação da criança no consultório;

- Avaliação neuropsicológica;

- Avaliação psicopedagógica;

- Avaliação fonoaudiológica.

Verificamos a importância da avaliação clínica médica na citação de Stroh (2010, p. 92) quando diz:

A avaliação clínica com médico deve coletar informações não apenas da observação da criança durante a consulta, mas também realizar entrevista com os pais e/ou cuidadores desta criança, solicitar informações da escola que a criança frequenta sobre seu comportamento, sociabilidade e aprendizado, além da utilização de escalas de avaliação da presença e gravidade dos sintomas.

Segundo Stroh (2010) mesmo a pessoa passando por todas essas avaliações, precisa de um acompanhamento com psicopedagogo que pode decorrer de alguma intervenção, mas já estabelecendo um vínculo entre psicopedagogo e paciente. “Estas intervenções podem ser feitas através de jogos lúdicos ou através de atividades ligadas à arte terapia, sendo estas atividades: desenhos, materiais diferenciados como argila, velas, etc.” (STROH, 2010, p. 92).

De acordo com Oliveira (2017) a avaliação diagnóstica não significa rotular o indivíduo com o TDAH, mas sim que a educação possa dar um suporte para esse aluno se desenvolver e aprender. Conforme Benczyk (2006 *apud* STROH, 2010, p. 92) evidencia, a avaliação serve para “determinar a extensão na qual os problemas de atenção e hiperatividade estão interferindo nas habilidades acadêmicas afetivas, sociais da criança e no desenvolvimento de um plano de intervenção apropriado”.

Neste sentido, Oliveira (2017) também descreve que para haver um diagnóstico correto, existem testes e questionários que devem ser aplicados por médicos especializados, as áreas mais comuns são a medicina (clínica, neurologia, psiquiatria, e/ou pediatria) e não por qualquer pessoa com uma ficha de avaliação, o

diagnóstico exige bastante cautela e precisa ser levado a sério pelos profissionais habilitados.

Teixeira (2006) traz uma reflexão sobre o diagnóstico realizado, pois em alguns casos específicos o indivíduo pode ter um diagnóstico errado, podendo apresentar alguns sintomas como a desatenção e a hiperatividade, portanto, a necessidade de se utilizar critérios de diagnósticos padronizados para a investigação dos sintomas do TDAH. Assim, docentes e familiares precisam ser muito cuidadosos com o diagnóstico, precisam seguir todos os passos específicos minuciosamente.

## **GAMIFICAÇÃO COMO AUXÍLIO MOTIVACIONAL PARA O TDAH**

A gamificação no contexto educacional tem o objetivo de trazer para perto os seus estudantes, muitas vezes o docente apenas explica a matéria, mas não consegue atrair os seus alunos a prestarem atenção no conteúdo aplicado. Sendo assim, Rocha e Tulio (2014) explicam que a gamificação usa alguns elementos que são encontrados em jogos, no entanto são transmitidos em um contexto diferente. Esses elementos são como os pontos, medalhas e tabelas de pontuação, pensando assim parecem superficiais, entretanto são profundas, pois a gamificação reforça o aprendizado, permite retorno mais rápido e valioso com esses elementos.

Precisamos entender que a gamificação não é um jogo exclusivo e nem produz um jogo, entretanto possui atributos e elementos do mesmo. Para desenvolver uma atividade gamificada busca-se selecionar artefatos de jogos que irão entreter os jogadores e incentivá-los a permanecerem na aula, assim serão usados esses artefatos no contexto externo a jogos, de modo que envolvam o indivíduo na atividade em questão.

Games incentivam as pessoas a desafiar e superar a si mesmas, de modo que, quando engajadas, dificilmente desistirão diante de obstáculos mais exigentes. Inserir componentes de games no ensino, portanto, agrega importantes elementos na metodologia, pois jogos proporcionam graus de imersão e diversão que dificilmente são atingidos por meio de métodos tradicionais (LEE; HAMMER, 2010 *apud* ROCHA; TULIO, 2014, p. 5).

Um dos principais motivos para se utilizar games na educação de acordo com Rocha e Tulio (2014) é de que quando utilizado, podemos levar o aluno a uma motivação maior para os seus estudos, fazendo com que ele supere vários desafios e

problemas, sem que acabe desmotivado com a mesmice de suas aulas. “[...] os games são um ambiente lúdico em que o jogador não vê os desafios como obrigações, mas sim como oportunidades de testar e aprimorar suas habilidades” (ROCHA; TULIO, 2014, p. 3).

No parágrafo anterior, retrata-se uma palavra que traz grandes reflexões é descrita como “motivação”. Quando se aborda o tema sobre motivação precisamos entender o significado desse termo e a sua importância nas escolas. De acordo com Nunes *et al.* (2022) alguns pesquisadores descrevem a motivação como uma vontade de fazer alguma coisa, algo interno que inspira o indivíduo a ir além do que lhe foi proposto e cumprir o seu objetivo, ela é um impulso natural do ser humano.

Nunes *et al.* (2022) expõe dois tipos de motivação, a primeira é a intrínseca que norteia a pessoa a solucionar alguma dificuldade e induz ao indivíduo aprimorar suas habilidades; e a segunda é a motivação extrínseca, ela necessita de estímulos externos e pode ser direcionada para um objetivo. As duas influenciam diretamente no ambiente escolar, é importante que o professor descubra qual é a motivação de seus alunos para que consiga inspira-los nos seus caminhos de aprendizagem.

A motivação no contexto escolar tem sido avaliada como um determinante crítico do nível e da qualidade da aprendizagem e do desempenho. Um estudante motivado mostra-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem engajando-se e persistindo em tarefas desafiadoras, despendendo esforços, usando estratégias adequadas, buscando desenvolver novas habilidades de compreensão e de domínio. Apresenta entusiasmo na execução das tarefas e orgulho acerca dos resultados de seus desempenhos, podendo superar previsões baseadas em suas habilidades ou conhecimentos prévios (GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2001 *apud* NUNES *et al.*, 2022, p. 5).

Assim, entendemos que o fator motivacional é de suma importância e relevância, principalmente para alunos com TDAH que segundo Nunes *et al.* (2022) tendem a não ter muita autoestima. Em concordância, Silva (2009 *apud* NUNES *et al.*, 2022) descreve que para garantir um aprendizado bom o docente precisa despertar o interesse do aluno, e compreendendo esses fatores ajudará os professores a planejarem suas aulas com dinâmicas motivacionais, assim acarretará um melhor desempenho para os seus estudos.

Conclui-se que a gamificação auxilia o docente, pois nele o aluno é encorajado a superar as suas limitações e de acordo com Nunes *et al.* (2022) isso encoraja ações

voltadas aos games para que esse desenvolvimento seja mais prazeroso, que traga mais resultados, que motive e que a sua consequência seja eficiente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir desta pesquisa foi possível analisar a possibilidade da utilização da gamificação para o aprimoramento da aprendizagem e da motivação com foco em estudantes com TDAH. Foi possível perceber que a gamificação, quando bem explorada conseguem oportunizar ao aluno o desenvolvimento e criação de estratégias estimulando o raciocínio e motivação. O aluno aprenderá lidar com suas limitações e dificuldades relacionadas ao conteúdo proposto. A equipe pedagógica tem um papel de extrema importância nesse processo, pois auxiliara os docentes na elaboração de um planejamento que contemplem essa estratégia de ensino, bem como saber estimular o docente a explorar o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor do aluno respeitando a sua idade cronológica. Tal estratégia compreende minimizar ou sanar as dificuldades comportamentais, cognitiva, de atenção, de memória e intelectuais das crianças com TDAH pois são motivacionais e trabalham o engajamento e as funções cerebrais superiores. Portanto, podem ser considerados uma metodologia ativa de educação que propõe novas formas de aprendizagem, incluindo o respeito, autoestima, dignidade e integralidade dessas crianças. Deste modo a Gamificação se mostra como um benefício para alunos com TDAH, a vista disso ela apresenta um potencial para ser explorada com todos os alunos da turma, porque há inúmeras formas de explorar gamificação em sala de aula, porém em todas elas, é preciso conhecimento do conteúdo e um planejamento que também contemple práticas interdisciplinares.

## **REFERÊNCIAS**

CORTÉS. Déficit de Atención con Hiperactividad (TDAH): Concepto, Características e Intervención Educativa. **Innovación y Experiencias Educativas**, 2010.

FERNANDES, Ana Paula Ely. **As múltiplas faces do TDAH e suas implicações frente ao diagnóstico prematuro de crianças em idade escolar**. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, 2014.

FIGUEIREDO, Juliete de Souza. **Um estudo de caso a partir da atuação psicopedagógica utilizando estratégias lúdicas com o TDAH.** Universidade Federal da Paraíba de João Pessoa, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MACHADO, Ligia de F. J.; CEZAR, Marisa J. C. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) em crianças: Reflexões Iniciais.** Faculdade de Maringá, Instituto Paranaense de Ensino, Maringá, 2007.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica.** São Paulo, SP: Atlas, 2010.

MARTINS, Heloisa H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

NUNES, Glécilla C. S. *et al.* A importância da motivação escolar no ensino de física para o processo de aprendizagem de alunos com TDAH. **Arquivos do Mundo**, v. 26, n. 1, p. 1-13, 2022.

OLIVEIRA, Carolina A. S. de. **A criança diagnosticada com TDAH: e agora, professor?** Uberlândia, MG: Sistema de Bibliotecas da UFU, 2017.

ROCHA, Elizabeth M.; TULIO, Lucas S. **Elementos de gamificação aplicados à educação em ambientes virtuais de aprendizagem.** Dourados, MS: FACET/UFGD, 2014.

ROCHA, Maria I. M.; CONFORTIN, Helena. TDAH e aprendizagem: um desafio para a educação. **Perspectiva**, Erechim, RS, v. 39, n. 148, p. 73-84, 2015.

ROHDE, Luis A.; ROMAN, Tatiana; ARONIVICH, Vitor. **Tratado de psiquiatria da Infância e Adolescência.** São Paulo: [s.n.], 2003.

SERRANTE, Ilma Aparecida Floriano. **Guia de Normas Básicas para Apresentação de Trabalhos Acadêmicos e Capa Institucionalizada.** Disponível em: [www.fap.com.br](http://www.fap.com.br). Acesso em: 20 abr. 2022.

SILVA, Maria V. M. *et al.* Acompanhamento pedagógico dos alunos com TDAH nos anos iniciais do ensino fundamental de São José dos Pinhais. **Cadernos de Graduação da Faculdade da Indústria**, São José dos Pinhais, 2021.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

STROH, Juliana Bielawski. TDAH - diagnóstico psicopedagógico e suas intervenções através da Psicopedagogia e da Arteterapia. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 18, n. 17, p. 83-105, dez. 2010.

TEIXEIRA, Gustavo. **Transtornos Comportamentais na Infância e Adolescência**. [S.l.]: Rubio, 2006.

VAZ, Cícero E.; GRAEFF, Rodrigo Linck. Avaliação e Diagnóstico do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). **Psicologia USP**, v. 19, p. 341-361, 2008.

VENEZA, Pérola Roberta da S. **Os impactos do diagnóstico do suposto Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) na vida diária de uma criança**: um estudo de caso. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Pós-Graduação em Educação. Salvador, 2015.